



Universidade Federal
da Bahia - UFBA



Centro Colaborador
Vigilância dos Acidentes de Trabalho



ABRIL/ 2011 – Edição nº1, ano I

BOLETIM EPIDEMIOLÓGICO ACIDENTES DE TRABALHO FATAIS

INFORME DO CENTRO COLABORADOR UFBA/ISC/PISAT – MS/DSAST/CGSAT

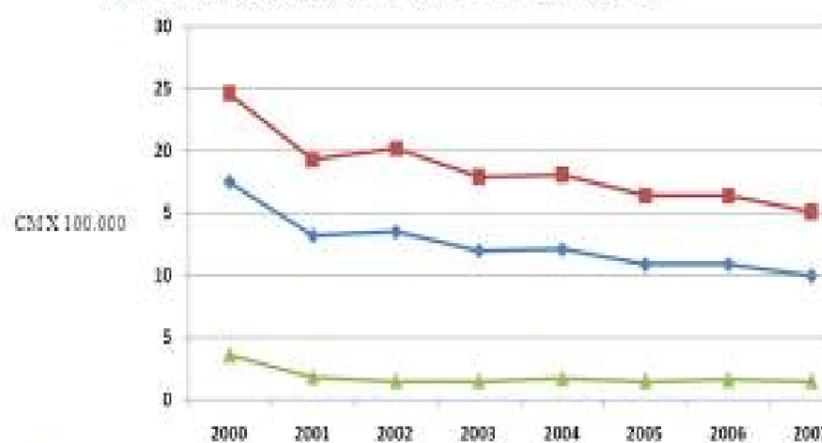
Acidentes de Trabalho fatais no Brasil 2000 – 2010

Óbitos por Acidentes de Trabalho caem em todo País

Baseando-se em dados divulgados pelo Instituto Nacional de Seguro Social (INSS) para trabalhadores segurados entre 2000 e 2007, verifica-se que o número de óbitos por acidente de trabalho (AT) decresceu nesse período, passando de 3.094 óbitos em 2000 para 2.804 em 2007, queda de 9,3%. Isso ocorreu tanto para os homens (8,2%) como entre as mulheres (25,1%).

O coeficiente de mortalidade por acidentes de trabalho, CM-AT, também chamado de taxa de mortalidade anual, se reduziu (42,9%) caindo de 17,5x100.000 para 10,0x100.000 trabalhadores segurados (Figura 1). Entre os homens, este declínio foi de 24,6x100.000 para 15,1x100.000 (38,6%), menor do que a queda entre as mulheres de 3,6x100.000 para 1,5x100.000 (58,3%). Nota-se também que a CM-AT foi maior entre os homens em comparação com as mulheres, ocorrendo cerca de 10 óbitos por AT em homens para um entre mulheres.

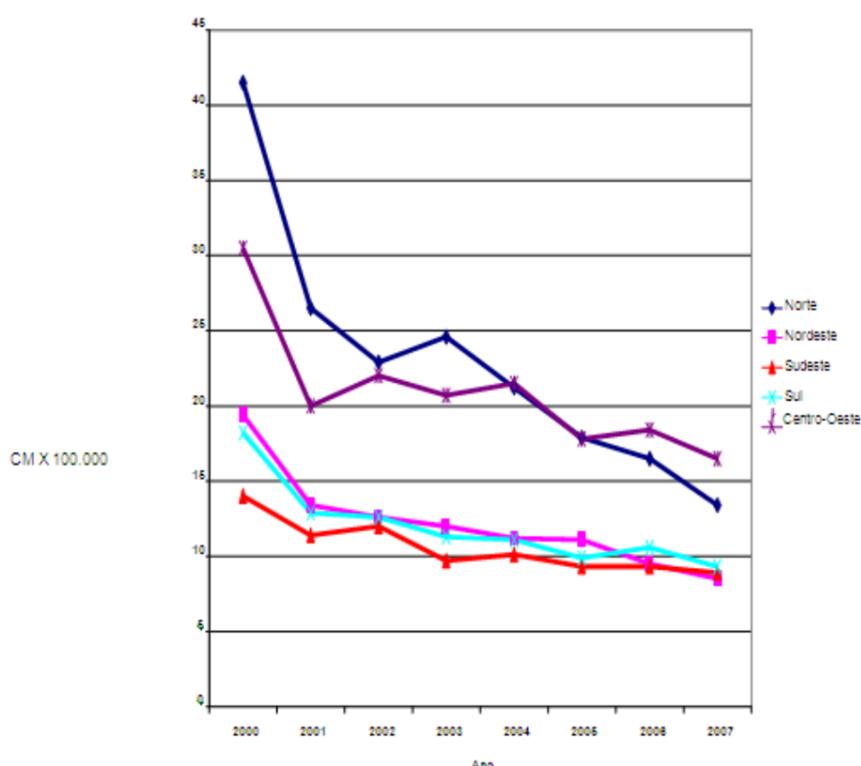
Figura 1: Coeficiente de mortalidade anual de acidentes de trabalho (CM) (x100.000), por ano, específico por sexo, entre trabalhadores segurados da Previdência Social Brasil, 2000-2007



	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007
Total	17,5	13,2	13,5	12	12,1	10,9	10,9	10
Homem	24,6	19,3	20,2	17,9	18,1	16,4	16,4	15,1
Mulher	3,6	1,8	1,5	1,5	1,7	1,5	1,6	1,5

Fonte: MPAS/Coordenação Geral de Estatística e Atuária – CGEA/DATAPREV, disponíveis na RIFSA, IDB-2008. A população empregada para estimativas do CM corresponde ao número médio mensal de vínculos (i.e., contribuintes empregados em um ano de referência).

Figura 2 - Coeficiente de mortalidade anual por acidente de trabalho (x 100.000), por região no, Brasil, 2000-2007.

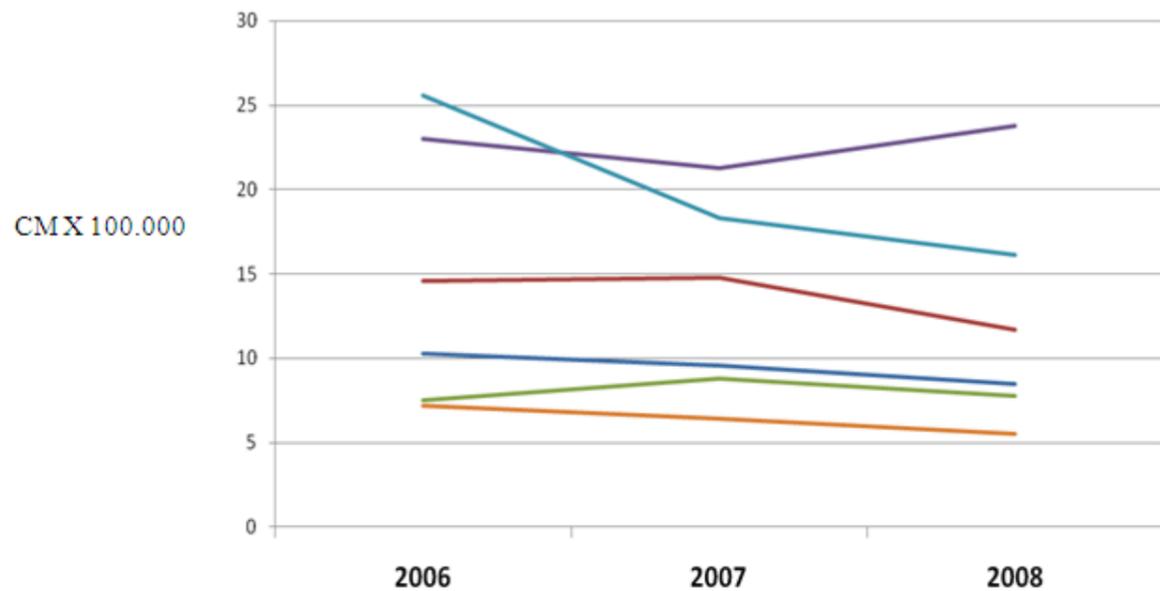


Fonte: MPAS/Coordenação Geral de Estatística e Atuária – CGEA/DATAPREV, disponíveis na RIFSA, IDB-2008.

Esse padrão de queda foi observado em todas as regiões do País no período, mas com intensidade distinta (Figura 2). Na região Norte, onde em 2000 a CM-AT era maior a queda foi a mais expressiva ficando em 2007 abaixo da região Centro-oeste que se encontrava em 2º. lugar no rank nacional. A menor CM-AT foi observada na região sudeste, onde também foi menor a queda no período de observação. Em 2007 os CM-AT das regiões nordeste, sul e sudeste se aproximam com valores praticamente iguais.

Na Figura 3 mostram-se o CM-AT específicas por ramo de atividade econômica, observando-se que a queda geral no período não se repete em todos os grupos. Houve elevação do CM-AT na construção e na indústria e redução nos demais ramos.

Figura 3- Coeficiente de mortalidade por acidentes de trabalho (CM x 100.000) entre trabalhadores segurados, de acordo com ramos de atividade econômica, Brasil 2006-2008.



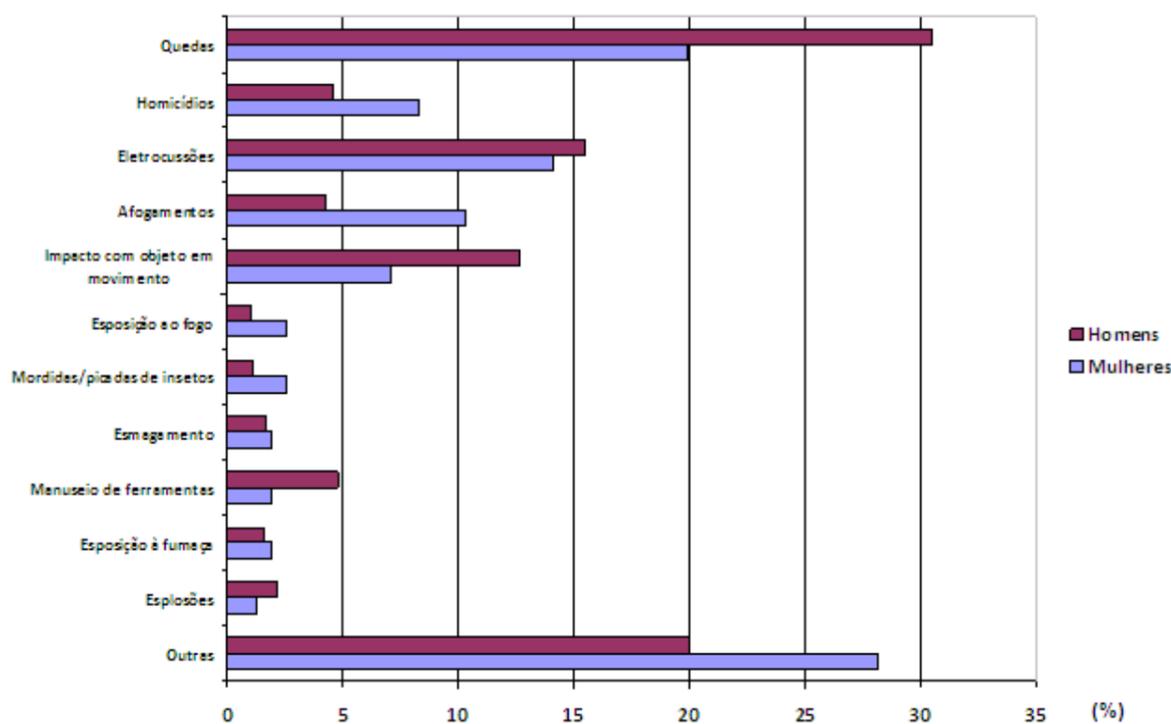
		2006	2007	2008
Brasil	—	10,3	9,6	8,5
Agricultura/pecuária/pesca	—	14,6	14,8	11,7
Indústria	—	7,5	8,8	7,8
Construção	—	23,0	21,3	23,8
Serviços de utilidade pública	—	25,6	18,3	16,1
Serviços	—	7,2	6,4	5,5

Fonte: AEPS, 2008, 2007. Alguns denominadores foram ajustados para diferenças nos subramos da CNAE agrupados em 2006 em relação a 2007 e 2008.

Dados de óbitos por Acidentes de trabalho registrados no SIM



Figura 4. Principais causas dos óbitos por acidentes de trabalho, excluindo-se os acidentes de veículos, registrados no SIM, Brasil, 2006-2008.



Fonte: SIM, 2006-2008.

Com dados do Sistema de Informação de Mortalidade (SIM), entre 2006 e 2008, foram identificados 9.096 casos de AT, 427 em mulheres e 8.669 em homens (20 casos em homens:1 caso em mulheres). Em ambos os sexos, a maior proporção de casos teve o envolvimento de veículos (n=4.075, 44,8%). Esta proporção foi maior entre as mulheres (63,5%) do que no sexo masculino (43,9%). Retirando-se esses casos com veículos, dentre os demais AT, as quedas foram as causas mais comuns, seguidas por eletrocussões, tanto em

mulheres quanto entre os homens. Entre as mulheres, os afogamentos constituem a 3ª. causa mais comum de óbito por AT, mas entre os homens são os impactos com objetos em movimento. Homicídios ocuparam a 4ª. posição entre as mulheres e a 5ª. entre os homens, com proporção duas vezes maior em mulheres quando comparadas com os homens.

Trabalhadores jovens têm maior risco de morrer por Acidentes de Trabalho

Na tabela 1 pode-se observar que a CM-AT x 100.000 trabalhadores segurados apresenta oscilações de acordo com a idade. Entre os homens, há uma tendência de declínio com a idade, mas o pico ocorre entre 45 e 59 anos de idade. Mulheres têm maiores CM-AT quando mais jovens, entre 15 e 24 anos, caindo entre 25 e 59 anos, elevando-se entre as de maior idade (60 ou mais). Padrões de acordo com a região são bastante diversificados, mas em geral os trabalhadores com idade abaixo de 25 anos detêm as maiores CM-AT exceto na região norte onde os mais idosos apresentaram a maior estimativa (26,3x100.000).

Tabela 1 - Coeficiente de mortalidade por acidentes de trabalho (CM x 100.000), por grupos de idade, específica por sexo, entre trabalhadores segurados, Brasil e regiões, 2007.

Região	Coeficiente de mortalidade por acidentes de trabalho (CM x 100.000)								Total	
	15 a 24 anos		25 a 44 anos		45 a 59 anos		60 anos e mais			
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
Norte	19,5	---	21,0	0,7	24,8	3,1	26,3	---	21,4	0,9
Nordeste	16,4	1,7	13,0	1,1	16,3	0,3	6,9	4,0	13,9	1,1
Sudeste	12,6	2,2	13,0	1,4	16,2	1,3	10,4	4,3	13,5	1,6
Sul	18,1	1,6	14,6	1,8	17,0	0,9	13,8	---	15,7	1,6
Centro Oeste	25,0	5,2	24,5	1,3	29,7	2,9	16,6	---	25,2	2,3
Total	15,4	2,2	14,5	1,4	17,6	1,2	11,5	3,1	15,2	1,5

Fonte: RIPSA,2007.



Foto: Eduardo Marinho

Acidentes de Trabalho fatais registrados no SINAN

Casos de mortes em trabalhadores informais tiveram maior proporção de homens, com maior idade, do ramo de atividade econômica da construção civil e comércio e a causa mais comum foram as quedas, excetuando os acidentes envolvendo veículos (tabela 2).

Tabela 2. Distribuição dos óbitos por acidente de trabalho de acordo com o vínculo de trabalho, registrados no SINAN, 2008-2010. Brasil

Variáveis	Tipo de vínculo de trabalho			
	Informal		Formal	
	N	%	N	%
Sexo				
Masculino	711	95,6	1.601	92,5
Feminino	33	4,4	129	7,5
Faixa etária (anos)				
10-19	30	4,1	77	4,5
20-29	146	19,7	526	30,6
30-39	492	66,5	1.028	57,7
>59	72	9,7	90	5,2
Ramo de atividade econômica				
Agricultura	11	8,7	51	8,7
Indústria da transformação	16	12,6	161	27,6
Construção	34	26,8	84	14,4
Comércio	30	23,6	103	17,6
Transporte	21	16,5	68	11,6
Serviços	11	8,7	85	14,5
Educação	3	2,4	22	3,8
Saúde	1	0,8	10	1,7
Mecanismo do acidente				
Com envolvimento de veículo	302	43,3	729	44,6
Quedas	94	13,5	149	9,2
Impacto c/ objetos em movimento	33	4,7	67	4,1
Esmagamento	1	0,1	30	1,8
Tentativa de homicídio	32	4,6	79	4,8
Ferramentas	13	1,9	44	2,7
Explosões/fogo/fumaça	11	1,6	57	3,5
Mordida/picada animais	5	0,7	4	0,2
Afogamento	2	0,3	12	0,7
Eletrocussão	56	8,0	97	6,0
Outras	149	21,3	365	22,3

Fonte: SINAN, 2008-2010 – Atualizado em 13/04/2011.



Conclusões desses dados devem considerar a parcialidade da cobertura, apenas trabalhadores segurados pelo INSS e o SAT, e o grande subregistro de dados identificado em pesquisas, especialmente no que se refere à informação do vínculo da morte com o trabalho, o que caracteriza o evento como ocupacional. Na base SIM, apenas 20% dos registros apresentavam dados provenientes do campo relativo aos AT da Declaração de Óbito, indicando preenchimento inadequado, o que pode resultar em vieses nos achados. Por exemplo, é possível que a alta proporção de acidentes de trânsito se reduzisse caso houvesse melhor qualidade do registro. Acidentes de trabalho que mostram a responsabilidade do empregador ou demonstram precariedade na segurança das condições de trabalho podem ser menos registrados que os que ocorrem no trânsito. Alguns ramos de atividade econômica podem também ser alvo de maior subregistro devido à predominância rural, e dificuldades de acesso a serviços e benefícios sociais como o da Previdência,

como a Agricultura/pecuária e pesca.

Prioridades de atuação da RENAST poderiam se dirigir para trabalhadores mais jovens, do sexo masculino, e também da indústria e construção, identificando as especificidades das suas respectivas áreas de cobertura.

Centro Colaborador em Vigilância dos Acidentes de Trabalho

Instituto de Saúde Coletiva, Campus Universitário do Canela, Rua Augusto Vianna s/n, Salvador Bahia, 40110-060. Fone: 71-3336-0034

Universidade Federal da Bahia, Instituto de Saúde Coletiva, Programa Integrado em Saúde Ambiental e do Trabalhador

Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, Diretoria de Saúde Ambiental e do Trabalhador, Coordenação Geral em Saúde do Trabalhador.

